

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 5 | Nº 14 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4517979>



## ESPAÇO E HISTÓRIA DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DO AMAZONAS: CONTEXTOS DOS BUMBÁS E GARROTES NA CIDADE DE MANAUS (2008-2019)

*Gabriel Augusto Nogueira dos Santos<sup>1</sup>*

*Willians Douglas Santos de Lima<sup>2</sup>*

### Resumo

Ao longo dos anos, as manifestações culturais ganharam diversos significados e símbolos no espaço. No âmbito de Manaus, o Festival Folclórico do Amazonas ganhou notoriedade por uma territorialidade em sua realização e em seus grupos folclóricos ao longo de 63 anos de realização do evento, sobretudo na esfera política e social. O objetivo do trabalho é analisar o território das danças e suas relações sociais em uma temporalidade recente, a partir de uma metodologia baseada em revisão bibliográfica, documentação e ao trabalho de campo realizado com grupos específicos de dança. A partir disso, nota-se o surgimento de territórios e identidades de torcedores e simpatizantes, acompanhando as transformações urbanas, sociais e políticas da cidade construídas ao longo dos anos, impactando diretamente as disputas folclóricas dentro da arena. Além disso, são destacadas as diversas relações sociais existentes no mundo do folclore e cultura na cidade de Manaus, além dos símbolos formados a partir da manifestação cultural, tanto em aspecto de identidade dos bairros quanto na presença do âmbito escolar nas agremiações.

**Palavras chave:** Cultura; Dança Folclórica; Manaus.

### Abstract

Over the years, cultural manifestations have gained different meanings and symbols in space. In Manaus, the Amazonas Folkloric Festival gained notoriety for its territoriality and its folklore groups over the 63 years of the event, especially in the political and social sphere. The objective of the work is to analyze the territory of dances and their social relations in a recent temporality, based on a methodology based on bibliographic review, documentation and focused on fieldwork carried out with specific dance groups. From this, the emergence of territories and identities of fans and supporters can see, following the urban, social and political transformations of the city, built over the years, directly influencing the folk disputes within the arena. In addition, the various existing social relations in the folklore world and culture in the city of Manaus, in addition to the symbols formed from the cultural manifestation, both in terms of the identity of the neighborhoods, and in the presence of the school environment in associations.

**Keywords:** Culture; Folk Dance; Manaus.

## INTRODUÇÃO

Os estudos acerca dos grupos folclóricos e suas concepções ao longo dos anos trazem em seu arcabouço teórico elementos que compreendem a área da Antropologia, Sociologia e até mesmo da Filosofia. Com isso, entende basicamente a atuação de processos de descrição para o conhecer dessas relações sociais existentes.

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia. Bacharel em Geografia graduando em Tecnologia em Logística. E-mail: [nogueira.gabriel01@gmail.com](mailto:nogueira.gabriel01@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail para contato: [williansdouglas14.wdsdl@gmail.com](mailto:williansdouglas14.wdsdl@gmail.com).



No âmbito da Geografia, o entendimento das relações com o espaço compreende muito mais do que somente as categorias geográficas. Silva *et al.* (2009) mostra que essa relação se dá principalmente a partir da paisagem cultural, cuja análise deverá ser relacionada à imagem sensorial, simbólica, material e territorial, além da questão do físico que é percebido. Anteriormente, Suertegaray (2000) já analisava a questão do espaço e suas categorias como um local de diversas conexões existentes, principalmente entre paisagem, lugar e o território, conceitos básicos da ciência geográfica.

A partir desse contexto, a cultura toma outros significados, desde o simbólico ao físico, também enfatizados em questões de capital, como é a realização dos festivais folclóricos. Pellegrini (1995) enfatiza nesse processo, uma nova organização cultural, baseadas em um novo aparelhamento (social, econômico) e também a busca pelo crescimento e sofisticação.

Nesse aspecto, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2009) define as conjunturas envolvendo os patrimônios materiais e imateriais. Enquanto o primeiro é relacionado a um conjunto de bens classificados em naturezas etnográficas, paisagísticas e arqueológicas, os bens imateriais estão relacionados.

A partir de uma pesquisa bibliográfica e de campo, será ressaltada a temporalidade de 10 anos da edição do Festival Folclórico do Amazonas. Nesse aspecto, os objetivos são a análise de grupos e modalidades específicas de danças e suas territorialidades, divididas nas seguintes conjunturas: compreender as territorialidades e suas relações com o espaço geográfico, analisar os diferentes grupos e suas organizações e o discorrer sobre a organização do Festival Folclórico do Amazonas entre os anos de 2008 a 2019.

## A HISTÓRIA DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DO AMAZONAS

Relacionar o Festival Folclórico do Amazonas, em primeiro momento, é compreender a organização dos eventos e as brincadeiras folclóricas entre os anos de 1940 e 1950. Segundo Silva (2009), esses eventos não recebiam nenhum apoio institucional de órgãos públicos, não sendo reconhecidos no calendário de eventos da cidade. Além disso, é importante ressaltar o período em que a cidade vivia, sobretudo no que diz ao espectro político.

Assunção (2008) destaca a importância da criação do Festival como uma forma de racionalizar a disputa dos bumbás existentes na capital (figura 1), devidos as agitações e ocorrências policiais existentes durante a disputa dos mesmos em Manaus. Silva (2009) já destaca a questão do populismo existente no estado, principalmente na ligação dos grupos folclóricos com o Partido Trabalhista



Brasileiro, tendo forças no Amazonas, a partir de Plínio Ramos Coelho e Gilberto Mestrinho, governador e prefeito de Manaus, respectivamente.

**Figura 1 – Boi Bumbá Corre Campo  
no 1º Festival Folclórico do Amazonas**



Fonte: Acervo do Blog Simão Pessoa.

A partir desse contexto de organização e centralização política e social, o Festival Folclórico do Amazonas passou a ganhar as notoriedades e aspectos territorialidades relacionadas aos seus locais de organização e motivação de surgimento dos grupos folclóricos na capital amazonense, enfatizando locais com fortes tradições culturais e trazendo aspectos emergentes no cenário local.

Dentro do festival, as danças são divididas em categorias, ligas e modalidades, conforme analisa Assunção (2008), Silva (2009), Neves (2016) e as normativas do Festival Folclórico do Amazonas, determinadas pelos órgãos gestores da área cultural e analisadas periodicamente. Moura (2010) destaca nesse contexto, uma complexidade cultural existente no Brasil, o que caracteriza uma série de fatores, desde à questão do sagrado e profano ao contexto

Atualmente, as categorias de disputa são divididas em Ouro, Prata e Bronze, que equivaliam as Super Categoria, Especial, Categorias A, B e Extra existente durante os anos 1980 e 1990. Além disso, as modalidades de disputa são as seguintes: Boi-Bumbá e Garrote (Tradicional e Regional), Quadrilhas (Cômicas, Duelo e Tradicional), além das modalidades únicas que são as danças Regionais, Cacetinho (dança dos Tarianos), Tribos, Internacional, Ciranda, Dança Alternativa (ritmos contemporâneos).

Na atuação política dos grupos folclóricos, existiam até meados de 2010 as seguintes estruturas: Liga Independente dos Grupos Folclóricos de Manaus (LIGFM), Liga Independente dos Grupos Folclóricos do Amazonas (LIGFAM), Associação dos Grupos Folclóricos do Amazonas (AGFAM), Associação Movimento dos Bumbás de Manaus (AMBM) e Associação das Danças Folclóricas do



Amazonas (ADFAM), sendo as primeiras as mais antigas associações organizacionais do Festival Folclórico do Amazonas.

Posteriormente, surgiram de dissoluções e transformações, a Associação Folclórica Cultural do Amazonas (AFCAM), Liga das Quadrilhas Juninas do Amazonas (LIQUAJUAM) e a Associação Folclórica Cultural Boi-Bumbá Corre Campo (AFBCC), sendo esta além de trabalhar com os bumbás, trabalha em conjunto com outras modalidades presentes no festival.

A partir dessa organização, os regulamentos voltados a disputa das agremiações, são elaborados e decididos, tendo uma validade anual ou de dois a três anos, conforme visto a partir das determinações da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SEC) e da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Eventos de Manaus (MANAUSCULT, 2019). Após a realização do evento, são analisados os contextos da organização e traçados planos de melhorias do festival, tanto na divisão, quanto em um novo formato de regulamentação, principalmente relacionados aos quesitos e a relação ascensão e descenso para as categorias inferiores, além dos repasses de verbas previstos para as ligas e para as danças no geral.

Ao longo dos anos, o Festival além de uma notoriedade regulamentar, traçou um perfil de locais de apresentação, trazendo uma simbologia denominada de “festão do povo” e a questão da definição de apresentação no “tablado”, tal como era realizado nos primeiros anos, além dos principais palcos em destaque, como a Praça Francisco Pereira da Silva e outros que somam histórias e particularidades acerca das apresentações do Festival.

## OS LOCAIS DE APRESENTAÇÃO – “O TABLADO E A FESTA DO POVO”

Ao longo dos anos e acompanhando os processos de expansão da cidade de Manaus e até mesmo da saída de alguns locais por motivos políticos e de logística, o Festival Folclórico do Amazonas já passou da área Central para os bairros da Zona Sul e Centro-Sul e aos pontos turísticos de Manaus. Silva (2009) destaca a adaptação dos grupos folclóricos aos locais com infraestrutura permanente, temporária ou sem nenhum aspecto, tanto para a apresentação, quanto para seus trabalhos que antecedem o festival folclórico.

O primeiro local das apresentações foi o antigo Estádio General Osório, hoje integrante do Colégio Militar de Manaus. De 1957 a 1971, a realização do festival se deu exclusivamente na área central da cidade, no denominado campo da General Osório (figura 2). Neste local, considerado um dos palcos iniciais do futebol amazonense, foram efetuadas as primeiras disputas, principalmente no que tange as disputas entre bumbás e garrotes, já existentes a época.



**Figura 2 – Praça General Osório no V Festival Folclórico do Amazonas**



Fonte: Acervo do Blog Simão Pessoa.

Silva (2009), Pessoa (2016) e Dagnaisser (2017) destacam nessa realização dos primeiros anos, o desfile dos brincantes da então Praça de São Sebastião, até o local das apresentações. Além disso, a transformação ao longo dos anos trouxe a presença das fogueiras e de todos os elementos juninos.

Apesar de toda essa conquista, a área de realização do evento era pertencente ao 27º BC do Exército. O então prefeito Paulo Nery assinou o termo de entrega ao que seria posteriormente, a área do complexo esportivo do Colégio Militar de Manaus, a ser inaugurado em 1972.

Com isso, a primeira migração de local perdura uma série de locais de apresentação durante a década de 1970: Estádio Ismael Benigno (Colina), Estádio Parque Amazonense (demolido em 1976), Estádio Vivaldo Lima (Vivaldão) e até chegar em meados de 1979, a denominada “Bola da Suframa”, nome popular da Praça Francisco Pereira da Silva.

A primeira instalação do Festival Folclórico na área da “Bola da Suframa” perdurou de 1979/1980 até meados de 1992, conforme analisa Dagnaisser (2017). Nesse contexto, surgem as primeiras associações folclóricas, neste caso, a Associação dos Grupos Folclóricos do Amazonas (AGFAM), com o objetivo de debater o fomento e as políticas públicas voltadas a questão cultural, além da organização do festival ser exclusiva dos grupos e os formatos de julgamento.

Entre 1992 e 2004, as apresentações do Festival Folclórico retomaram ao Vivaldão, mas concentradas no estacionamento do Estádio e posteriormente, se dirigindo ao Sambódromo, as áreas denominadas de “ferradura” e concentração do mesmo, conforme visto na imagem aérea da figura 3.



**Figura 3 – Estádio Vivaldo Lima e Sambódromo**



Fonte: CAU/AM.

Entre os anos de 2005 a 2015, com a inauguração do Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA), em uma arena adaptada do antigo Memorial da Amazônia, localizada na “Bola da Suframa”, as agremiações voltaram a se apresentar no local (figura 4). Apesar de toda a infraestrutura adequada, Neves (2016) destaca o tamanho incompatível a algumas modalidades de disputa, devido a extensão vazia existente no recinto e a relação da manifestação a ser encenada na arena. Além disso, os brincantes destacam a mesma problemática, o que trazia prejuízos e questões de injustiças nas avaliações, conforme descrito:

152

No espaço da Bola da Suframa, apesar de ser uma arena específica, dependendo da categoria a se apresentar, as apresentações se tornavam problemáticas devido ao preenchimento do espaço, além das limitações de dinheiro e número de brincantes (Brincante da Categoria Boi-Bumbá Regional, 24 de agosto de 2019).

**Figura 4 – O Novo CCPA, inaugurado em 2005**



Fonte: Portal Holofote.



As crises políticas no âmbito estadual, devido ao corte de verbas, forçaram em 2016, a apresentação das Categorias Prata e Bronze, ocorreram juntamente com o Festival Folclórico do Centro Social Urbano do bairro Parque 10 (figura 5), financiadas pela Prefeitura Municipal de Manaus. Enquanto isso, a Categoria Ouro, por falta de verbas não foi realizada naquele ano.

**Figura 5 – Categorias Prata e Bronze no CSU do Parque 10**



Fonte: Portal A Crítica.

Devido a essas questões, um novo espaço surge para a realização do evento. Em 2017, as Categorias Prata e Bronze ganham o “tablado” de volta e o espaço do Anfiteatro da Praia da Ponta Negra para a realização dos eventos, a partir da atuação de algumas associações existentes, tais como a Liga Independente dos Grupos Folclóricos de Manaus (LIGFM) e da Prefeitura de Manaus. No caso da Categoria Ouro, a administração continuou com o Governo do Amazonas e a apresentação no CCPA até o ano de 2018, quando em 2019, a mesma voltou para o Sambódromo, na área da ferradura, como ocorria anteriormente

A partir dessa conjuntura, os 63 anos de Festival Folclórico se adaptou às necessidades dos grupos folclóricos e do desenvolvimento da cidade, em esfera social, turística e econômica, com a mobilidade e fixação em lugares, por temporadas ou permanentes. Com isso, as relações se tornam dinâmicas e a questão de uma política cultural se torna cada vez mais importantes.

## **DANÇAR E O FOLCLOREAR – ASPECTOS DAS DANÇAS APRESENTADAS**

Neste tópico, serão analisados os seguintes tipos de danças presentes: o Boi-Bumbá e o Garrote, presentes em todas as edições do Festival Folclórico, sendo eles, um dos principais motivos para o





surgimento do festival ainda em meados dos anos 1950, conforme analisa Assunção (2008) e Silva (2009). Um dos aspectos a serem percebidos, é a presença dos Autores no espetáculo, como torcedores, a partir de uma visão etnográfica nos dias de realização do evento em 2019, destacando o fator da realização no mês de agosto.

É importante destacar a relação entre o Boi-Bumbá e o Garrote, a partir das primeiras brincadeiras registradas na região Amazônica. Cavalcanti (2000) destaca os primeiros registros à época, em Belém e Óbidos por volta de 1850. Posteriormente, na mesma década, o primeiro registro de um “boi morto”, registrado em Manaus entre 1852 e 1859.

A partir disso, as brincadeiras de boi migraram e influenciaram o que deu origem aos bois de Parintins, nos primeiros anos do século XX. Posteriormente, sua territorialização e os processos contemporâneos, é destacada a resistência dessas brincadeiras e de seu formato nas apresentações, cujas transformações ao longo dos anos podem se basear em novas simbologias e signos. Moura (2010) relaciona essa questão como uma forma de relacionar os corpos com o contexto a ser apresentado nos festivais, cujas relações com o Festival de Parintins, trouxeram impactos na organização e fomento das categorias apresentadas no Festival.

Na avaliação do Festival Folclórico, as disputas de Boi Bumbá são definidas nas seguintes categorias: Master (Série A e B, com 03 agremiações cada), Regional (categoria de acesso ao Master), com as mesmas vertentes e o Tradicional, com números variados ao longo dos anos. A mesma situação é a disputa do Garrote, dividido com elementos Regionais e Tradicionais, assim como no Bumbá, a resistência da brincadeira original, conforme os primeiros registros do século XIX.

## MODALIDADE BOI-BUMBÁ

### Boi-Bumbá Master e Boi-Bumbá Regional

A organização da Categoria Master dos Bois-Bumbás tem uma forte inspiração do Festival Folclórico de Parintins, principalmente no que tange o regulamento e a composição das toadas e suas temáticas. Tendo os bumbás como principal precursor da criação do festival, é importante compreender as inspirações a partir das questões de Marketing e Globalização Cultural, destacada por Neves (2007) e Nogueira (2008), cujos impactos se mostram presentes no formato das apresentações e suas indumentárias, além dos itens a serem julgados.

Já de início, é percebido uma desvalorização no que tange aos bois de Manaus, principalmente pela falta de divulgação nos mais diversos meios de comunicação, tanto em aspectos de meio virtual



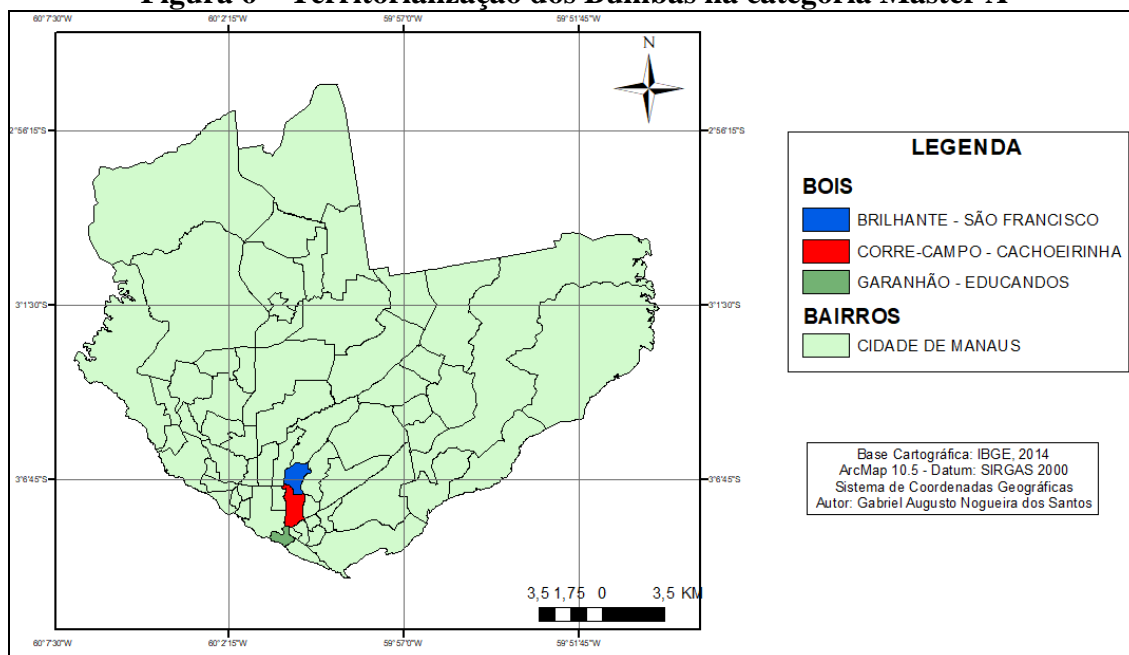
quanto impressos e de massa. A constatação foi nítida logo na primeira noite, com público vazio e a seguinte descrição de um espectador:

Eu só soube que haveria o Festival no Sambódromo, pois me encontrava no grupo do Folclore de Manaus, se não, nem saberia que haveria a disputa dos bumbás e da categoria ouro (Espectadora 1, 24 de agosto de 2019).

Atualmente, os frequentadores desses espaços (ensaios e apresentações) são apresentados basicamente pelo pertencimento a comunidade ou por amizades desenvolvidas dentro das mesmas. Nesse sentido, a questão da oralidade e das “conversas informais” ou da presença em “grupos virtuais”. Ao mesmo tempo que há o distanciamento dos grandes meios de comunicação, as redes sociais contribuem, ainda que de forma simplória, para o surgimento de fãs e espectadores, além do fortalecimento das relações já existentes.

No âmbito dos bumbás manauaras, existe o que podemos chamar de “triáde” ou “trindade” dos bumbás manauaras: o Corre Campo, fundado em 1942 e originário do bairro Cachoeirinha; o Brilhante, fundado em 1982, tendo como origem o bairro da Praça 14 de Janeiro, este bairro considerado um dos berços inclusive da inspiração do boi Caprichoso de Parintins, ainda em meados dos anos 1920, mas atualmente, com ensaios no bairro São Francisco, onde tem parcerias com a Escola de Samba Primos da Ilha; e nesse contexto, insere-se o Garanhão, fundado em 1991 e oriundo do bairro Educandos, denominado de Cidade Alta, conforme visto na figura 6.

**Figura 6 – Territorialização dos Bumbás na categoria Master A**



Fonte: Elaboração própria.



Um dos aspectos ressaltados por Assunção (2008) e Pessoa (2016), é o surgimento das brincadeiras de boi a partir dos migrantes de origem nordestina e repassada aos seus sucessores. Outra questão destacada nessas origens, são os bairros em questão, onde em primeiro momento, vincula-se na figura anterior, os bairros pertencentes Zona Sul e Centro de Manaus, como destacado os bairros da Praça 14 de Janeiro (este considerado um berço cultural em relação a cultura negra), Centro, Cachoeirinha e São Geraldo (conhecido como Seringal Mirim).

**Figura 7 – Apresentação do Corre Campo, originário da Cachoeirinha**



Fonte: Arquivo dos autores.

Outrossim, tem a disputa com o Boi Galante de Manaus, fundado em 1993 no bairro Zumbi dos Palmares e hoje com uma territorialização no bairro da Praça 14, onde fazem seus ensaios e o Boi Carinhoso, fundado em 2015 que é oriundo da Zona Centro-Oeste de Manaus, conforme visto abaixo.

**Figura 8 – Apresentação do Boi-Bumbá Galante**



Fonte: Arquivo dos autores.



Além dessa categoria, existem também alguns bumbás disputando a categoria Master B, digamos que uma categoria intermediária. Destaca-se o Brillhante (figura 9), que já participou em diversos bairros e nos últimos 05 anos em relação à ascensão e descenso no Festival, conforme percebido durante os dias do Festival Folclórico e em conversa com torcedores.

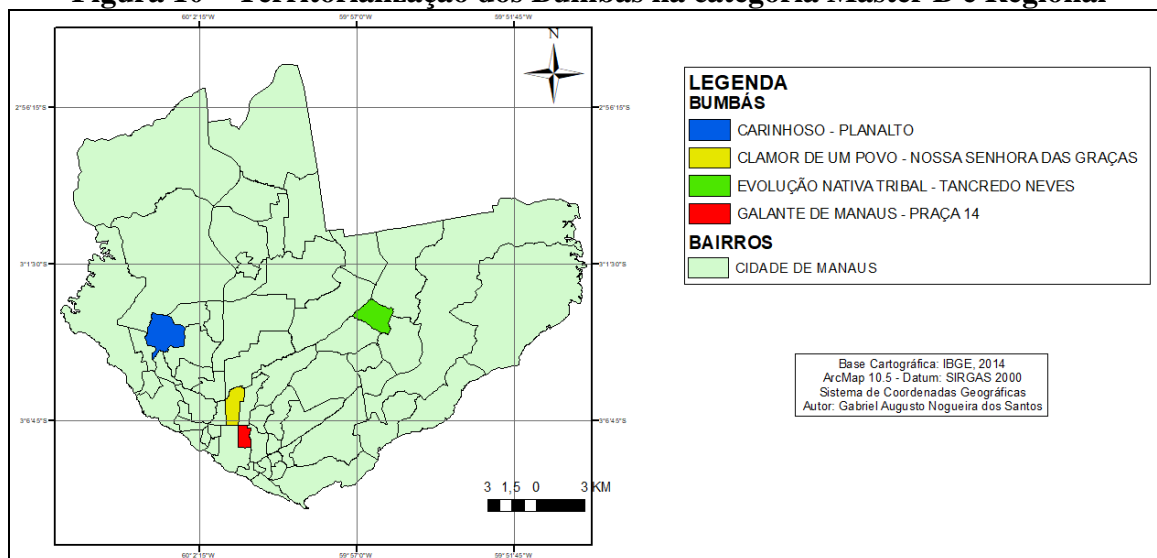
**Figura 9 – Apresentação do Boi-Bumbá Brillhante**



Fonte: Arquivo dos autores.

Além do tradicional Brillhante, nessa categoria se encontram grupos folclóricos de fundação recente e de outras zonas da cidade, como é o caso da Zona Centro-Oeste, com pouca tradição no âmbito do Folclore em Manaus e a Zona Centro-Sul, destacando a área do bairro Nossa Senhora das Graças (figura 10).

**Figura 10 – Territorialização dos Bumbás na categoria Master B e Regional**



Fonte: Elaboração própria.



Oriundos da categoria do Boi-Bumbá Regional, diferenciado em poucos aspectos, já disputaram o Festival Folclórico do Amazonas os seguintes bois: Evolução Nativa Tribal, oriundo do bairro Tancredo Neves e fundado em 2006, o Boi-Bumbá Garantido de Manaus, com fundação entre meados dos anos 1990 e disputando algumas edições do Festival na modalidade regional entre os anos de 2008 a 2010. Além disso, destaca o Boi-Bumbá Brilha Noite em aspecto mais recente e o Boi-Bumbá Clamor de um Povo, este oriundo do bairro Nossa Senhora das Graças, fundado em 1996 e o atual campeão da modalidade Regional (figura 11).

**Figura 11 – Apresentação do Boi-Bumbá Clamor de um Povo**



Fonte: Arquivo dos autores.

Destacam-se, nesse contexto, a existência dos seguintes bumbás que já participaram do Festival Folclórico do Amazonas: Brilha Noite, Mina de Ouro, Filhos do Sol, Boi-Bumbá Garantido de Manaus, Boi-Bumbá do Norte, Boi-Bumbá Amado e Boi-Bumbá Amazonas. Alguns destes, participaram brevemente na modalidade, além de disputarem como Garrotes Regionais e Tradicionais, mas se retiraram por problemáticas financeiras

Destaca o “Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins”, elaborado pela Universidade de Brasília (2018), alguns dados encontrados apenas em relatos orais. Com isso, a dificuldade em contar e a coleta de informações do surgimento dos bumbás de Manaus se tornam iminentes, caracterizados também pela pouca disponibilidade de acervos por parte dos órgãos culturais e das próprias ligas folclóricas existentes e suas dissidências.

Ao longo dos anos, as disputadas sofreram alterações e novos formatos se tornaram predominantes. O regulamento de 2019 previu a divisão do julgamento das notas nas modalidades



bumbás Master em itens e blocos de avaliação, enquanto a modalidade Regional envolve apenas os itens apresentados e um tempo reduzido de apresentação, conforme visto no quadro 1.

**Quadro 1 – Itens e Blocos avaliados na modalidade Master e Regional**

MUSICAL	CÊNICO	ARTÍSTICO
01–Apresentador	03–Sinhazinha da Fazenda	07–Tribo Coreografada
02–Levantador de Toadas	04–Rainha do Folclore	08–Lenda
09–Batucada, Ritmada, Marujada ou Tamurada	05–Porta Estandarte	12–Auto do Boi (Amo do Boi, Mãe Maria, Pai Francisco, Mãe Catirina, Gazumbá, Dr. Cachaça, Dr. da Vida, Padre, Tribo Indígena Tradicional, Diretor de Índios, Vaqueiros, Rapazes e Burrinhas)
10–Amo do Boi	06–Cunhã Poranga	14–Alegoria
13–Toada (Letra e Música)	11–Evolução do Boi	16–Ritual*
	15–Pajé e Ritual	
APRESENTAÇÃO		
DIVISÃO	TEMPO MÍNIMO	TEMPO MÁXIMO
Master A	1h45 minutos	1h50 minutos
Master B	1h15 minutos	1h30 minutos
Regional	25 minutos	30 minutos

Fonte: Elaboração própria. Baseada no Regulamento da Secretaria de Estado de Cultura (2019);

A partir dessas modalidades, elas funcionam na seguinte conjuntura, conforme prevê a SEC (2019):

- O último colocado da Master A é rebaixado para a categoria Master B e o primeiro colocado da Master B é elevado à categoria Master A;
- O último colocado da Categoria Master B é rebaixado para a categoria Regional e o campeão da categoria Regional é elevado à categoria Master B;
- Em caso de não apresentação, o bumbá é excluído da categoria Ouro e não poderá receber financiamento dos órgãos competentes, disputando no próximo ano, a categoria prata.

No âmbito das regras, são incluídas as verbas destinadas para a organização das disputas. Em 2019, os Bumbás Master A receberam da Prefeitura Municipal de Manaus, o valor de R\$99.582,00 cada um, segundo os atos da MANAUSCULT (2019). No âmbito do Governo do Estado, foi justificado um extrato de ilegitimidade de edital, acordando entre as agremiações, um valor estimado para a organização da Categoria Ouro, na qual os bumbás são interligados.

Para os brincantes, o desafio de colocar o bumbá na arena, é uma relação de amor e obrigatoriedade perante a comunidade que o boi se localiza. A partir disso, eventos e ensaios realizam diversos eventos para o angariar de fundos. Segundo um dos brincantes do bumbá Garanhão, na qual estava acompanhando nas arquibancadas durante o trabalho de campo, para colocar a agremiação na



arena, era pelo menos R\$ 200.000,00, o que demonstra o apoio de diversos patrocinadores privados e ao apoio dos moradores.

As mesmas influências e dificuldades, é percebida pelas brincadeiras tradicionais de boi e os Garrotes, na qual veremos mais à frente e suas magnitudes apresentadas, baseadas nas relações com os bumbás e a origem da brincadeira. As discrepâncias entre os bumbás de Parintins e Manaus se tornam um esforço e desafio na manutenção da cultura e das danças.

## Boi-Bumbá Tradicional

As categorias Master e Regional apresentam uma padronização de espetáculos interligadas principalmente ao padrão do Festival de Parintins, conforme analisa Neves (2016) e Dagnaisser (2017). A modalidade Tradicional acaba por diferenciar principalmente no formato de apresentação, nos itens e no que se trata indumentárias e alegorias a apresentar, além da valorização do “Auto do Boi”, na figura da morte e ressurreição do boi morto.

Nos últimos dez anos, a presença dos mesmos é considerada pequena. Em pesquisa documental, a partir dos dados da Secretaria de Estado de Cultura e nos principais portais de comunicação, na divulgação da programação, a presença de poucos grupos nessa categoria, principalmente pelas questões burocráticas, na qual brincantes relatam para o adentrar da disputa.

Apesar dessa conjuntura, alguns grupos chegaram a se transformar na modalidade regional. Entretanto, as dificuldades de atuação voltaram principalmente ao repasse de verbas e a posterior restrição de atuação em seus bairros e arraiais de menor porte de verbas. Atualmente, apenas o Tira Prosa disputa a categoria, enquanto que o Guerreiro, Tinindeira e Mina de Ouro trabalham ocasionalmente, no que um dos brincantes relata:

Devido a burocracia da Secretaria de Cultura todos os anos, além da falta de dinheiro, alguns abandonaram o Festival, por tempo indeterminado e focalizaram apenas nos bairros e ruas de origem, afim de manter a tradição e persistir com os que ainda se interessam (Brincante da Categoria Boi-Bumbá Tradicional, 25 de agosto de 2019).

Ininterruptamente, o Bumbá Tira Prosa (figura 12) é o que disputa a categoria Tradicional. Oriundo do bairro Santa Luzia e fundado em 1945, é considerado um dos mais tradicionais da cidade de Manaus. Além disso, é destacado o Mina de Ouro, fundado em 1922, oriundo da antiga Boulevard Amazonas e que já disputou com o Corre-Campo em meados dos anos 1940 e 1950 e que já chegou a disputar as modalidades Regionais e Master B nos últimos anos, sem o relativo sucesso na categoria tradicional.



**Figura 12 – Apresentação do Tira Prosa**



Fonte: Arquivo dos autores.

A história do Guerreiro e do Tinideira é desconhecida, principalmente pela falta de registros. O que consta, em documentação, é a apresentação de ambos entre os anos de 2009 a 2014, além da afiliação ser da antiga Associação dos Grupos Folclóricos de Manaus (AGFM). Atualmente, nos últimos anos, as disputas dessa modalidade se concentraram principalmente na categoria Ouro, que definiu as seguintes regras a serem avaliadas.

**Quadro 2 – Itens avaliados na modalidade Tradicional**

MUSICAL	ARTÍSTICO/VISUAL/CÊNICO	
01 – Amo do Boi	06 – Tribo Indígena	
02 - Toada (Letra e Música)	07 - Boi	
03 - Batucada	05 – Auto do Boi (Amo do Boi, Mãe Maria, Pai Francisco, Mãe Catirina, Gazumbá, Dr. Cachaça, Dr. da Vida, Padre e Burrinhas)	
	08 - Barreira de Vaqueiros	
	09 - Barreira de Rapazes	
APRESENTAÇÃO	MÍNIMO	MÁXIMO
Tradicional	25 minutos	30 minutos

Fonte: Elaboração própria. Baseada no Regulamento da Secretaria de Estado de Cultura (2019).

No contexto de regras e apuração, nota-se a questão da ascensão e do rebaixamento para as categorias Prata e Bronze. Nos últimos anos, esse quesito se torna diferenciado devido a pouca participação, onde o regulamento pode prevê que devido a esse número, caso haja o cumprimento de mais de 70% dos itens pedidos, automaticamente a mesma se mantém na categoria principal.

A partir desse contexto, nota-se o papel da resistência do Auto do Boi tradicional frente aos impactos da espetacularização do Festival Folclórico aos moldes do existente em Parintins. Além disso, esse aspecto demonstra a resistência das gerações, principalmente nas dissidências dos bumbás, na brincadeira dos Garrotes, cujas interligações são enfatizadas na arena e nos bastidores, onde Pellegrini





(1995) traz em seu contexto, uma diferenciação do que é a cultura propriamente dita, as estéticas envolvidas e a definição de cultura de massa, como um produto relacionado ao capital e seu lucro.

## MODALIDADE GARROTE

A relação entre o Garrote e o Boi-Bumbá, é praticamente a mesma, principalmente pela musicalidade. Neves (2016) destaca a mesma relação do Boi com o Garrote, na questão do apego e também da identidade com o mesmo. Costa (2009) relaciona essa conjuntura com o território que a mesma se localiza, principalmente pelas condições materiais e subjetivas. Neste caso, é destacada a necessidade do Lazer em suas comunidades e pela identificação do lugar.

Silva (2009) conceitua o Garrote como uma manifestação derivada do Boi-Bumbá, o que traz em seu contexto é a faixa etária existente. Nessa brincadeira, predominam as crianças e adolescentes, tendo o adulto apenas a função do cuidado e da organização do mesmo. Para muitos, essa brincadeira é o início da saga que levará o mesmo ao bumbá principal nas localidades.

Neves e Debortoli (2018) destacam, nessa relação, a brincadeira e a relação entre os membros, geralmente baseados em vizinhanças e todos contribuindo para a realização da brincadeira. Seja ela em ornamentação ou até mesmo, no oferecer de água e lanches para os brincantes durante os ensaios. Com isso, destaca a relação material e imaterial, além do que Costa (2009) analisa, as múltiplas territorialidades e manutenção dos grupos sociais.

Na organização do Festival Folclórico do Amazonas, boa parte das disputas nessa modalidade se concentraram na Categoria Super, Especial (até meados de 2010) e Ouro, sendo mais recente, a participação na categoria Prata. Esse aspecto é relacionado ao regulamento e ordens de acesso e descenso das agremiações. A divisão em Modalidades, é relacionada nas seguintes: Regional, com uma questão mais voltada as disputas de Parintins, enquanto que o Tradicional, conforme analisa Neves (2016), se caracteriza pelo uso dos tambores e das palminhas.

### Garrote Regional

A modalidade Garrote Regional existente no Festival Folclórico do Amazonas, é caracterizada pela forte relação com a brincadeira de boi em Parintins. Neves (2016) destaca esse processo de espetacularização da modalidade, principalmente em aspectos relacionados ao capital e ao atrativo. Nesse aspecto, relaciona-se também com as questões modernas, principalmente no aspecto de coreografias e indumentárias, o que afasta um pouco das brincadeiras tradicionais (figura 13).



**Figura 13 – Apresentação do Garrote Estrelinha em 2018**



Fonte: Acervo do Facebook do Garrote Estrelinha (2018).

Nos últimos anos, a participação dos mesmos tem sido contabilizada em pequenos números, principalmente pelas dificuldades em adentrar aos processos de seleção. Isso é causado principalmente, em que Neves (2016), destaca na categoria Tradicional, a superficialidade temática e a problemática da falta de organização documental. Atualmente, o Estrelinha e o Renascer são os que se encontram ininterruptos, tanto na categoria Prata, quanto na Ouro. No âmbito de participações, destacam a presença dos seguintes grupos: Majestoso, Filho do Campo, Esplendor e Tira-Fama.

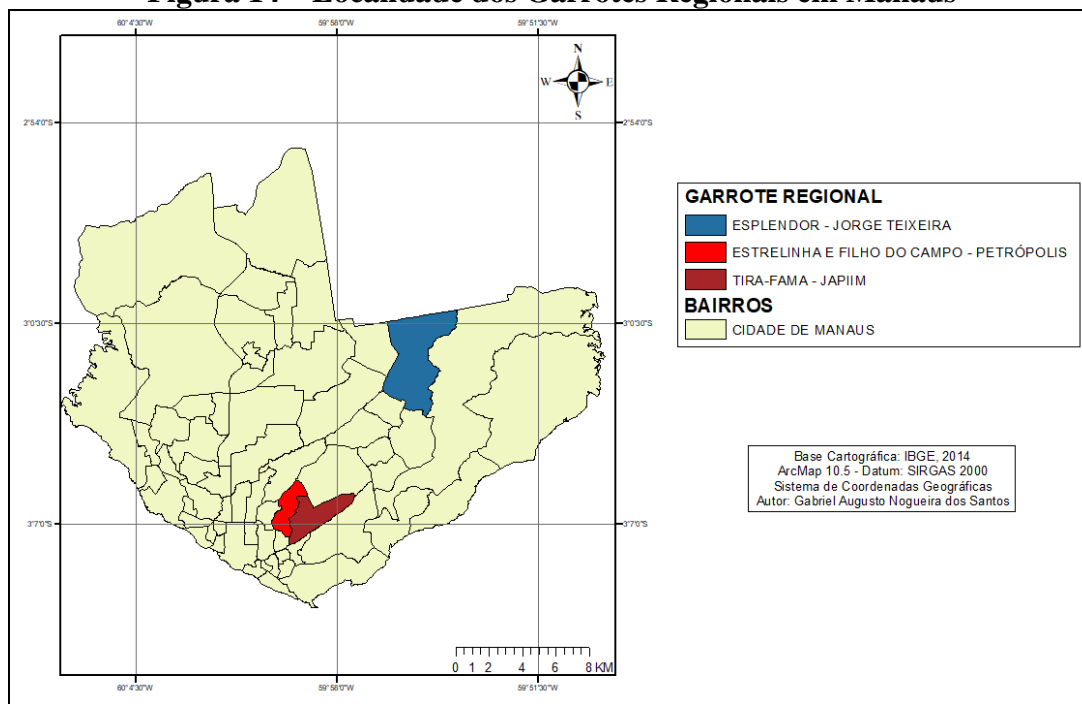
A história dos Garrotes Estrelinha e Tira-Fama é remetida aos anos 1980. Silva (2009) destaca que o primeiro foi fundado em 1983 e o segundo em 1986, ambos originários do bairro do Petrópolis, zona Sul de Manaus e ao longo dos anos sofreram diversas modificações, principalmente pela modernização nos seus instrumentos e na chegada do asfalto ao bairro. Além disso, a criação do Garrote Filho do Campo, fundado em 1983 e originário da mesma região e com forte ligação com o Boi Corre-Campo, além da sua fundação na Escola Estadual Major Silva Coutinho.

Destaca nessa conjuntura, o Tira-Fama se transferir para a área do bairro Japiim I, onde manda seus ensaios na Escola Estadual Professora Ondina de Paula Ribeiro, em uma parceria com a direção do colégio. Já o Esplendor, é oriundo de uma escola municipal do bairro Jorge Teixeira, na Zona Leste e criado em fins dos anos 1990 e início dos anos 2000, conforme mostra relatos de Neves (2016).

Os demais citados, devido à falta de relatos, constam apenas nas afiliações das Ligas Folclóricas, como a LIGFM e a AGFAM. Apesar das dificuldades, isso acaba por gerar uma territorialização de espaços e disputas, mas ao mesmo tempo, um apoio entre os brincantes, conforme visto na figura 14.



**Figura 14 – Localidade dos Garrotes Regionais em Manaus**



Fonte: Elaboração própria.

Nesses anos, a modalidade regional ganhou disputa na Categoria Prata, o que acabou por diferenciar as regras e o conjunto de avaliação, principalmente no que tange ao tempo. Abaixo, as especificações e formato das mesmas.

**Quadro 3 – Itens a serem avaliados na modalidade Garrote Regional**

MUSICAL	CÊNICO	ARTÍSTICO
05–Apresentador	03–Sinhazinha da Fazenda	12–Tribo Originalidade
02–Levantador de Toadas	10–Rainha do Folclore	08–Lenda
07–Marujada/Batucada	09–Porta Estandarte	13–Auto do Boi e Destaques Típicos (Amo do Boi, Mãe Maria, Pai Francisco, Mãe Catirina, Gazumbá, Dr. Cachaça, Dr. da Vida, Padre e Burrinha)
01–Amo do Boi	04–Cunhã Poranga	14–Conjunto Folclórico
11–Toada (Letra e Música)	08–Evolução do Boi	15–Tribo Coreografada (apenas na Categoria Prata)
	06–Pajé/Ritual	
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>MÍNIMO</b>	<b>MÁXIMO</b>
Regional (Ouro)	25 minutos	30 minutos
Regional (Prata)	35 minutos	40 minutos

Fonte: Elaboração própria. Baseada no Regulamento da Secretaria de Estado de Cultura (2019).

As organizações das regras, relacionam ao acesso e descenso, mas devido ao pequeno número, haverá concentração de agremiações em uma única categoria, vide exemplo a ocorrer no ano de 2020,



com a permanência do Garrote Estrelinha e a ascensão do Renascer da categoria Prata, assim como pode ocorrer na modalidade Tradicional.

## Garrote Tradicional

A modalidade tradicional, conforme analisa Neves (2016), é destacada pela preservação as tradições e de um formato mais simplório na sua essência. A brincadeira do Garrote Tradicional acaba por envolver passos marcados de formas simples e procuram manter a essência tradicional da brincadeira, nas vestimentas e nas composições.

Na mesma conjuntura do Regional, nos últimos anos as participações são em pequenos números, pelas mesmas dificuldades e falta de apoio nas projeções e exigências pela Secretaria de Estado de Cultura. Já disputaram o festival, os seguintes: Marronzinho, Malhado, Filhos do Sol, Corre Fama, Amazonas, Estrela D'Alva, Tinindeirinha e Multifama, relacionado com a criação de outras agremiações em outras modalidades.

O Garrote Brilho do Campo (figura 15), é o atual participante do Festival e tem suas raízes ligadas a Zona Leste de Manaus, principalmente aos bairros de São José e Zumbi dos Palmares. Enquanto isso, o Corre Fama foi fundado na região correspondente ao Beco do Macedo, atual bairro de Nossa Senhora das Graças, na Zona Centro-Sul e depois se transferiu ao bairro Coroado, na Zona Leste de Manaus, conforme descreve Assunção (2008).

**Figura 15 – Apresentação do Garrote Brilho do Campo (2019)**



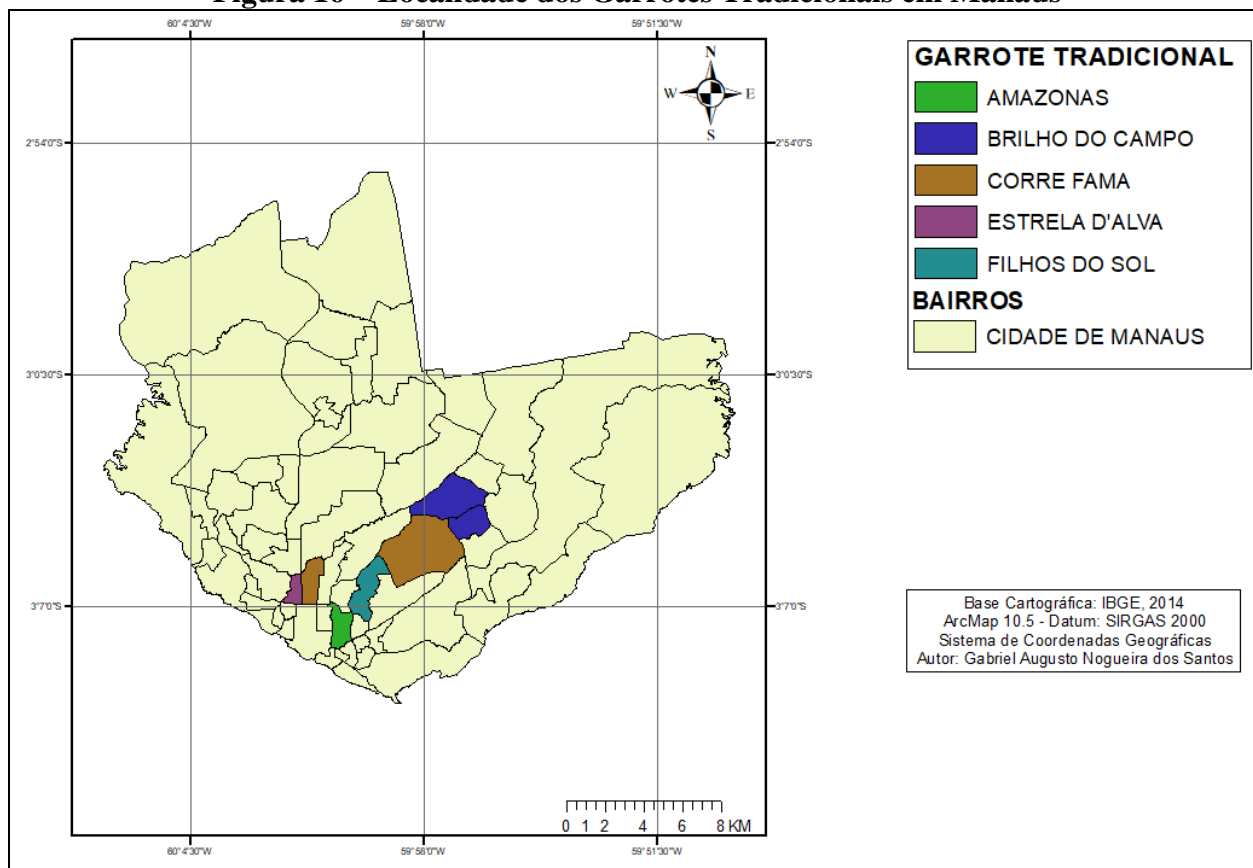
Fonte: Arquivo dos autores.



Além disso, destaca o “Dossiê Final Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins” (2018), nessa lista, os seguintes garrotes: Filhos do Sol, originário do bairro Petrópolis, Zona Sul de Manaus e fundado em 1995, os garrotes Marronzinho, Malhado e Multifama, com relatos desconhecidos, constando apenas a filiação pela Associação dos Grupos Folclóricos de Manaus (AGFM).

Já o garrote Amazonas, com fundação em meados dos anos 1940 e oriundo do bairro Cachoeirinha, tendo inclusive disputado na categoria de Boi-Bumbá e o Estrela D’Alva, originário do bairro São Geraldo, na Zona Centro-Sul de Manaus, conforme cita Neves (2007). Abaixo, a configuração territorial dos Garrotes Tradicionais em Manaus.

**Figura 16 – Localidade dos Garrotes Tradicionais em Manaus**



Fonte: Elaboração própria.

A concentração da disputa dos Garrotes Tradicionais se concentrou apenas na Categoria Ouro, com a participação de poucas agremiações. No quadro 4 estão identificados os itens a serem avaliados na apresentação.



**Quadro 4 – Itens a serem avaliados na modalidade Garrote Tradicional**

MUSICAL	CÊNICO	ARTÍSTICO
05–Apresentador	09 – Barreira de Rapazes	05–Tribo Originalidade
02–Marujada/Batucada	10 – Barreira de Vaqueiros	06–Destaques Típicos (Amo do Boi, Mãe Maria, Pai Francisco, Mãe Catirina, Gazumbá, Dr. Cachaça, Dr. da Vida, Padre e Burrinhas)
01–Amo do Boi	03–Evolução do Boi	07-Conjunto Folclórico
04–Toada (Letra e Música)		08-Tribo Indígena
<b>TEMPO DE APRESENTAÇÃO</b>	<b>MÍNIMO</b>	<b>MÁXIMO</b>
Regional	25 minutos	30 minutos

Fonte: Elaboração própria. Baseada no Regulamento da Secretaria de Estado de Cultura (2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar no trabalho, a construção social das agremiações e do papel das comunidades na brincadeira de Boi-bumbá e no Garrote. A brincadeira envolvendo as comunidades, costumam passar de geração a geração e ganham transformações, conforme a modernização e a inserção do Capitalismo na área cultural.

Nesse sentido, é importante destacar o Capitalismo como fruto das concepções de cultura de massa e ideológicos, como a venda do produto, neste caso, os Festivais aos seus espectadores. A partir disso, esse vetor de inserção ao mesmo tempo se torna atrativo, também é considerado excludente, devido às dificuldades de manutenção dos espetáculos por parte das agremiações e as suas limitações financeiras.

No âmbito das territorialidades do Festival Folclórico, os espaços de realização das apresentações sofrem uma territorialidade das Ligas Folclóricas a partir das relações com o poder público. Além disso, os locais de ensaios são definidos como um território as agremiações, trazendo um pertencimento de identidade ao lugar e também, a paisagem, em um cenário temporário ou permanente.

Ao longo dos anos, as disputas sofreram modificações, desde ao violento dos bumbás, como uma territorialização do espaço dos mesmos. Isso refere-se ao apoio mútuo nos bastidores e na realização dos eventos e definição de verbas, ou até mesmo na organização das atividades.

Portanto, a importância do Festival Folclórico não difere não somente ao simbólico e ao material, mas relaciona-se às transformações dos lugares e as centralizações das ações em prol do lazer. A importância é ressaltada aos fatores sociais, dos múltiplos grupos vigentes e na economia, na geração de empregos diretos e indiretos na área de artistas das agremiações no antes do espetáculo e no dia específico.



## REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Cultura. **Regulamento do 63º Festival Folclórico do Amazonas – Categoria Ouro (Bumbás)**. Manaus: SEC, 2019. Disponível em: <<http://editais.cultura.am.gov.br>>. Acesso em: 03/04/2020.

ASSUNÇÃO, A. **O boi-bumbá Corre Campo e outros famas**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

AUGUSTO, A. Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência. **Fórum Sociológico**, vol. 24, n. 1, 2014.

CAVALCANTI, M. L. V. C. “O boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa”. **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, vol. 6, setembro, 2000.

COSTA, B. P. “Parintins e o festejo do Boi: discussões sobre territorialidades”. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; FILIZOLA, R.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Expedição Amazônica: Desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas. "A festa do boi-bumbá: um ato de fé"**. Curitiba: SK Editora, 2009.

DAGNAISSER, D. C. P. **Para além do espetáculo: folclore e patrimônio nos bois-bumbás de Parintins-AM** (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas). Manaus: UEA, 2018.

GUNTHER, H. “Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão”. **Psicologia: teoria e pesquisa**. vol. 22, n. 2, agosto, 2006.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Conheça as diferenças entre patrimônios materiais e imateriais**. Brasília: IPHAN, 2009. Disponível em: <<http://legado.brasil.gov.br>>. Acesso em: 03/04/2020

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê Final Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins**. Brasília: IPHAN / UnB, 2018.

MANAUS. Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos. **Edital de Apoio ao 63º Festival Folclórico do Amazonas**. Manaus: MANAUSCULT, 2019. Disponível em: <<https://vivamanaus.com>>. Acesso em: 03/04/2020.

MANAUS. Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos. **Regulamento do 63º Festival Folclórico do Amazonas – Categoria Prata**. Manaus: MANAUSCULT, 2019. Disponível em: <<https://vivamanaus.com>>. Acesso em: 03/04/2020.

MOURA, R. “Sobre a indumentária na festa popular: imagens, signos e fantasias”. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, vol. 7, n. 1, maio, 2010.

NEVES, D. L. “**Dois pra lá, dois pra cá**”: Território, Globalização e Boi-Bumbá, na Ilha dos Tupinambá (Parintins – Amazonas) (Dissertação de Mestrado em Geografia). Curitiba: UFPR, 2007.

NEVES, F.M. “**Aí fizemos um boi**”: um estudo sobre a festa popular no Boi de Garrote em Manaus (Dissertação de Mestrado em Estudos do Lazer). Belo Horizonte: UFMG, 2017.



NEVES, F. M; DEBORTOLI, J. A. O. “O Boi, a Dança e as Crianças: festa, folguedo e brincadeira em experiências de infâncias na cidade de Manaus”. **Revista Licere**, vol. 21, n. 1, março, 2018.

NOGUEIRA, W. **Festas Amazônicas – boi-bumbá, ciranda e Sairé**. Manaus: Editora Valer, 2009.

PELLEGRINI, T. “Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea”. **Crítica Marxista**, vol. 1, n. 2, janeiro, 1995.

PESSOA, M. “Os Bois-bumbás de Manaus”. **Portal do Marcos Santos** [19/06/2016]. Disponível em: <<https://marcuspessoa.com.br/os-boi-bumbas-de-manau>>. Acesso em: 03/04/2020.

PESSOA, S. “O 5º Festival Folclórico do Amazonas”. **Blog do Simão Pessoa** [27/07/2016]. Disponível em: <<https://simaopessoa.blogspot.com>>. Acesso em: 03/04/2020.

SILVA, A. A.; MARTINS, J. M. B.; SILVA, M. G. N. “Impressões gerais acerca das manifestações socioculturais na Amazônia”. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; FILIZOLA, R.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Expedição Amazônica: Desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas**. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”. Curitiba: SK Editora, 2009.

SILVA, A. C. **'Festa dá trabalho!': as múltiplas dimensões do trabalho na organização e produção de grupos folclóricos da cidade de Manaus** (Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura). Manaus: UFAM, 2009.

SUERTEGRAY, D. “Espaço geográfico Uno e Múltiplo”. In: SUERTEGARAY, D.; BASSO, L.; VERDUM, R. **Ambiente e lugar no urbano – A grande Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.





## BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 5 | Nº 14 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

### Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

### Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima